

CFESS Manifesta

Dia Mundial do/a Trabalhador/a

Brasília, 1º de maio de 2011

Gestão Atitude Crítica para Avançar na Luta



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

www.cfess.org.br

TRABALHADORES/AS
DO MUNDO
UNI-VOS!

As últimas décadas do século XX trouxeram à lume os vaticínios teóricos e ideológicos dos sacerdotes do neoliberalismo. Suas crenças adquiriram projeção pela contundência que os caracterizavam: o fim da história e o deslocamento do trabalho enquanto centralidade da práxis humana estão entre as suas teses mais agudas.

Para estes ideólogos, a história humana encontra seu apogeu na sociedade capitalista. É nesta sociedade que, para eles, o ser humano encontra os meios para o pleno exercício da liberdade e para o ilimitado desenvolvimento das faculdades humanas. Somente a sociedade de mercado, da competição e do egoísmo é capaz de assegurar a felicidade humana. Acreditam, divulgam e professam que o consumo é fator de realização humana.

Chegada à última estação da história, não há razão para que os/as trabalhadores/as desperdicem suas energias com lutas inglórias. O desafio do pre- ▶

Arte: Rafael Werkema
Ilustração inspirada nas obras de
Portinari e Howard Miller



► sente é humanizar as relações sociais nos países “subdesenvolvidos” e “em desenvolvimento” para, então, perenizar o capitalismo.

Na mesma direção e, com maior força persuasiva, discute-se o deslocamento da centralidade do trabalho enquanto práxis social. Estes apologistas advogam que as transformações ocorridas no mundo do trabalho, marcadas pelo incremento de tecnologias e novas dinâmicas produtivas, alteram a essência da velha sociedade capitalista, reclamando novos atores sociais, novas abordagens e novos desafios humanos. Neste sentido, apregoam o fim das classes sociais, da luta de classes – obviamente – e do fim da saga emancipatória protagonizada pelos/as trabalhadores/as ao longo dos últimos dois séculos.

A conclusão óbvia extraída das crenças neoliberais é que a teoria marxista que orienta e empolga trabalhadores/as no mundo inteiro está superada, se tornou obsoleta!

Os neoliberais, todavia, não contavam que “no meio do caminho existia uma pedra”! O mundo real, o mundo dos fatos onde a vida medra envolvida em conflitos, contradições e desafios. Como diz Mészáros (2006, p.31) “[...] atingimos uma fase do desenvolvimento histórico do sistema capitalista em que o desemprego é a sua característica dominante”.

É no mundo real, portanto, que a vida adquire conteúdo e é nele que as relações sociais contemporâneas exibem a crueldade da sociedade capitalista e seu esgotamento. A exaustão dessa sociedade se manifesta na acentuada e criminosa centralização da riqueza e no crescimento, sem precedentes, da desigualdade social, da pobreza e da miséria. A era marcada pela globalização, ao contrário dos benefícios anunciados pelos neoliberais, agravou as desigualdades regionais e sociais, aumentou o poder das economias centrais e aprofundou a vulnerabilidade das economias periféricas. Este fenômeno da globalização consiste, na verdade, num processo histórico concreto de mundialização do capital, que vem submetendo a classe trabalhadora a condições sociais precárias.

A mais recente crise que afetou as catedrais do capitalismo internacional produziu, em escala jamais registrada nos denominados países

desenvolvidos, desemprego em massa, redução dos salários e do poder aquisitivo dos/as trabalhadores/as e a diminuição drástica dos sistemas de proteção social.

As lutas que mobilizam os/as trabalhadores/as nos diferentes países e continentes denunciam que o sistema capitalista alcançou seu estágio planetário e seu esgotamento. Dessa forma, as crises já não têm caráter nacional, não estão circunscritas a determinados países ou regiões, seus efeitos perversos e destrutivos afetam a classe trabalhadora mundial. Nas palavras de Mészáros (id, p.32), “[...] a novidade histórica desse tipo de desemprego dos sistemas globalmente integrados é que as

As lutas que mobilizam os/as trabalhadores/as nos diferentes países e continentes denunciam que o sistema capitalista alcançou seu estágio planetário e seu esgotamento. Dessa forma, as crises já não têm caráter nacional, não estão circunscritas a determinados países ou regiões, seus efeitos perversos e destrutivos afetam a classe trabalhadora mundial

contradições ocorridas em qualquer uma de suas partes específicas complicam e agravam os problemas de outras partes e, conseqüentemente, da sua totalidade”.

A história recente vem demonstrando que as inovações tecnológicas e as transformações nas dinâmicas produtivas não se converteram em instrumentos de bem-estar e emancipação da classe trabalhadora; a reengenharia, a flexibilização e a robótica, por exemplo, dispensaram força de trabalho do processo produtivo, todavia não suprimiram nem suprimem o trabalho do processo de produção de riqueza e nem alteraram o caráter da relação de exploração. É fato inquestionável, contudo, que o traço comum a

todas as formas de flexibilização produtiva tem sido a precarização da força de trabalho.

A presente etapa da sociedade humana, ao contrário da apologia neoliberal, afirma a atualidade de teses fundamentais da teoria marxista. Para Marx (1984, p.50), “[...] o trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana”.

Por outro lado, a globalização econômica, que é produto da necessidade de mercados sempre novos, integra as estratégias burguesas para a acumulação desenfreada. Esse processo, que submete todas as nações a adotarem o modus vivendi da burguesia, tem como consequência a formação de uma classe trabalhadora mundial, esta que, embora ainda apresente dificuldades para a constituição de instrumentos internacionais representativos de luta, está identificada pelas condições materiais que a conforma: baixos salários, desemprego crescente, instabilidade no trabalho e, sobretudo, as condições sócio-históricas para subverter a ordem global.

No entanto, a convicção na força das lutas coletivas nos move e seguimos firmes e fortes em defesa de condições de trabalho que assegurem direitos e o pleno exercício das capacidades humanas. Defendemos a redução da jornada de trabalho sem redução de salário para todos/as e, no âmbito da categoria, com muita luta, conquistamos a jornada de 30 horas para assistentes sociais. Continuamos na luta para vencer as resistências dos empregadores e fazer valer o direito conquistado legal e legitimamente.

O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) participa dos atos alusivos ao 1º de Maio, ratificando sua convicção e esperança na classe trabalhadora como depositária de projetos emancipatórios. Por isso, nossa “opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação – exploração de classe, etnia e gênero”. O chamamento de Marx nunca esteve tão atual: TRABALHADORES DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

SCS Quadra 2, Bloco C,
Edf. Serra Dourada,
Salas 312-318
CEP: 70300-902
Brasília - DF
Fone: (61) 3223.1652
Fax: (61) 3223.2420
cfess@cfess.org.br

Gestão Atitude Crítica para Avançar na Luta (2008-2011)

PRESIDENTE Ivanete Salette Boschetti (DF)
VICE-PRESIDENTE Sâmbara Paula Ribeiro (CE)
1ª SEC. Tânia Maria Ramos de Godoi Diniz (SP)
2ª SECRETÁRIA Neile d'Oran Pinheiro (AM)
1ª TESOUREIRA Rosa Helena Stein (DF)
2ª TESOUREIRA Telma Ferraz da Silva (BA)

CONSELHO FISCAL
Silvana Mara de Moraes dos Santos (RN)
Pedro Alves Fernandes (MG)
Edval Bernardino Campos (PA)

SUPLENTES
Rodriane de Oliveira Souza (RJ)
Kênia Augusta Figueiredo (MG)
Maria Bernadette de Moraes Medeiros (RS)

Observação: Desde o dia 14 de janeiro de 2011, estão desincompatibilizadas/os da diretoria, em decorrência do processo eleitoral do Conjunto CFESS-CRESS: Erivã Garcia Velasco (MT); Kátia Regina Madeira (SC); Marinete Cordeiro Moreira (RJ); Marcelo Sitcovsky Santos Pereira (PB); Maria Elisa dos Santos Braga (SP); e Marylúcia Mesquita (CE).

CFESS MANIFESTA
Dia Mundial do/a Trabalhador/a

Conteúdo: Edval Bernardino Campos (aprovado pela diretoria)

Assessoria de comunicação:
Rafael Werkema - JP/MG 11732
Diogo Adjuto - JP/DF 7823
comunicacao@cfess.org.br

Revisão: Diogo Adjuto
Design e ilustrações: Rafael Werkema sobre arte de Portinari e Howard Miller